

Congresso está pronto para negociar

■ Tucanos e PMDB buscam alternativas para manter bloco de apoio a Itamar coeso.

Brasília — Jamil Bittar

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA — A base política de apoio ao presidente Itamar Franco no Congresso está irritada, convencida que o governo jogou fora o trunfo da boa vontade da maioria dos deputados na votação da política salarial há uma semana. Eles aceitariam qualquer alternativa ao reajuste mensal, sem fazer uma exigência específica. “Estavam todos esperando um salva-vidas que não veio”, resume o deputado Sérgio Machado (PSDB-CE). “A área econômica foi intransigente e não contribuiu”, avalia o senador Beni Veras (PSDB-CE).

O líder do PMDB na Câmara, Genebaldo Correia (BA), partiu para um discurso conciliador, apostando na negociação. “Não fomos emocionais nem surpreendemos ninguém”, garante o deputado Tarcísio Delgado (PMDB-MG), para quem um governo de políticos experientes não poderia imaginar outro comportamento do Congresso.

O que separa o PMDB e o PSDB nesta insatisfação é a escolha do alvo das críticas e a solução proposta. Num movimento para atrelar de vez o PMDB ao governo, os tucanos defendem a criação do cargo de coordenador político para ser entregue ao PMDB. “Se não houver um coordenador geral, que dê o comando para o líder operar, viveremos de sobressaltos”, diz Sérgio Machado. Genebaldo discorda: “O coordenador é o presidente. O que falta é mais integração entre os partidos que apóiam o governo”.



Freire, irritado com as críticas sobre a votação do reajuste: “Ganhei: vai ter negociação e é o que importa”

Enquanto os tucanos tentam responsabilizar o ministro da Previdência, Antônio Britto, os pemedebistas jogam a culpa da falta de uma proposta sobre o da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. “O Britto fechou os olhos para o país e só pensa em ter sucesso na Previdência”, analisa um cacique tucano. “Me lembro bem do discurso do Fernando Henrique e do Barrelli na época da ditadura. Os dois diziam que a maneira mais ele-

mentar de se distribuir renda é através do salário”, cobra Tarcísio Delgado. Uma das lideranças mais expressivas do PMDB no Senado faz uma previsão perigosa para o ministro da Fazenda: “O Fernando está batendo muito e em várias direções. A continuar assim, o troco virá breve”.

Feliz com a movimentação de ministros para negociar a política salarial, o líder na Câmara, Roberto Freire (PPS-PE), evita críticas.

“Ganhei: vai ter negociação e é o que importa”, resumiu Freire a um parlamentar. Irritado com críticas do ministro da Fazenda aos políticos, o líder chegou a sugerir que os recursos necessários para cobrir déficit da Previdência com o reajuste mensal das aposentadorias poderia sair de um imposto sobre o lucro do sistema financeiro. Acredita, porém, que cabe ao governo fazer sugestões e não pedir ao Congresso que encontre uma solução.